

ANO 6 - NÚMERO 80 - JUN 2021

xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 15

MADEIRA

MINISTRO DA BOIADA VAI SENDO ENCURRALADO

p. 08

MEIO AMBIENTE

A natureza não é muda

p. 25

BRASÍLIA

Brasília e as musas

p. 32

SAGRADO INDÍGENA

Os brancos se dizem
inteligentes

p. 43



FENAE

50

ANOS

AG. VOL. DA LUTAR
ECONOMIÁRIO
UMA CAUSA QUE

IA PELAS 6 horas
CÁRIO
ENATOR MARCOS FREIRE

ROD / DIOPA / DIATI / NCC
NA LUTA PELAS 6 HORAS
ECONOMIÁRIO É BANCÁRIO

50 anos de história Por uma Caixa forte e 100% pública

A **Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa (Fenae)** completa meio século de história de lutas e conquistas junto aos empregados da Caixa.

Ao longo de 50 anos, fortalecemos o movimento associativo e atuamos fortemente pelos direitos dos trabalhadores e por uma Caixa forte e 100% pública. Em um período de crise e muitas dificuldades, em razão da pandemia da Covid-19, a Federação e as 27 **Associações do Pessoal da Caixa (Apcefs)**, não poupam esforços para superar desafios e continuar atuando na defesa dos empregados da Caixa.

Este 2021 será um ano de **celebração e mobilização** para a Fenae, com grande foco na defesa do papel social da Caixa e do bem-estar dos seus trabalhadores. A **Fenae** foi criada com o propósito de integrar os empregados por meio de ações políticas, sociais, culturais e esportivas e continuaremos a manter sua missão viva e vibrante.

Neste ano, estaremos ainda mais atuantes na defesa da Caixa forte, 100% pública e de todos os brasileiros.

Sergio Takemoto
Presidente da Fenae

Conheça a nossa história
e nos acompanhe pelos canais:

 www.fenae.org.br

 (61) 98142-8428

  @fenaefederacao

  /FenaeFederacao

 /company/fenae-federacao

“ Em algum lugar de alguma selva, alguém comentou:
– Como os civilizados são esquisitos...
Todos têm relógios, ninguém tem tempo. ”

Eduardo Galeano

COLABORADORES/AS - JUNHO

Alfredo A. Saad – Escritor (*in memoriam*). Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Davi Kopenawa Yanomami – Líder Indígena. Eduardo Galeano – Escritor (*in memoriam*). Emir Sader – Sociólogo. Emir Bocchino – Designer Gráfico. Ernesto Silva – Escritor (*in memoriam*). Fabio Gomes de Matos e Souza – Psiquiatra. Helho (Helio Bueno) – Jornalista. Iêda Leal de Souza – Professora. Jaime Sautchuk – Jornalista. Janaina Faustino – Gestora Ambiental. João Carlos Barbosa Machado – Geriatria. José Ribamar Bessa Freire – Professor. Leonardo Boff – Ecoteólogo. Lúcia Resende – Professora. Luis da Câmara Cascudo – Historiador (*in memoriam*). Manoel de Barros – Poeta (*in memoriam*). Nani (Ernani Diniz Lucas) – Ilustrador. Thiago de Mello – Poeta. Zezé Weiss – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

Jaime Sautchuk – Jornalista. Zezé Weiss – Jornalista. Agamenon Torres Viana – Sindicalista. Ailton Krenak – Escritor. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Ana Paula Sabino – Jornalista. Andrea Matos – Sindicalista. Ângela Mendes – Ambientalista. Antenor Pinheiro – Jornalista. Cleiton Silva – Sindicalista. Elson Martins – Jornalista. Emir Sader – Sociólogo. Gomercindo Rodrigues – Advogado. Graça Fleury – Socióloga. Iêda Leal – Educadora. Jacy Afonso – Sindicalista. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista. Júlia Feitoza Dias – Historiadora. Kleiton Moraes – Sindicalista. Lucélia Santos – Atriz. Rosilene Corrêa Lima – Jornalista. Trajano Jardim – Jornalista.



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição - Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.



A literatura e todas as artes, por nossa sorte, estão enfronhadas em nosso cotidiano, pois dali mesmo advêm, como alimentos d'alma. Por isso, lembranças literárias nos ajudam nesta edição de Xapuri – evocamos a pureza da escrita de Hugo Carvalho Ramos ao tratarmos do tema de Capa, um caso de polícia.

São alívios às agruras do viver. A floresta amazônica, que está sendo roubada por gangues mancomunadas com governantes corruptos, é bela em diversos sentidos. Quando em formato de toras, contudo, na horizontal, empilhadas em enormes navios, parece morta, friamente assassinada.

A decisão de destacar esse assunto partiu da própria realidade, com tristeza, pois divisamos o criminoso-mor a perambular por palácios de Brasília, ainda em liberdade, numa atitude típica de regimes autoritários. Com prepotência, afronta autoridades policiais e judiciárias que tentam conter a devastação de um bioma que sobrevive em nove países sul-americanos.

Em seu livro “Tropas e Boiadas”, ainda no início do século passado, o escritor de Vila Boa de Goiás, então capital, demonstra que o tropel das boiadas nunca é ignorado. Portanto, quando o ministro disse, em reunião ministerial gravada e amplamente difundida, que o governo deveria se aproveitar de momentos em que a mídia poderia estar desatenta pra passar com boiadas de medidas ilegais, ele estava muito enganado. É isso que demonstramos nesta Xapuri nº 80.

Como de costume, porém, você encontrará muito mais nessas páginas que começamos a folhear. O Cerrado é tema constante, assim como a situação dos povos indígenas e a luta de todos contra a Pandemia.

Nas páginas adiante tem, portanto, muito mais o que ler e debater, porque essa é nossa proposta. Acredite!

Boa leitura!

Zeze Weiss e Jaime Sautchuk

Editores





Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Adoro o conteúdo dessa revista! Estava morrendo de saudade de ler e me emocionar com as matérias! Tem um time fantástico de colaboradores. O capricho com que é feito todo esse trabalho de levar informação e formar opinião de forma saudável é maravilhoso! Parabéns ao pessoal de Formosa – Goiás. Parabéns, Revista Xapuri! Gratidão pelo presente!

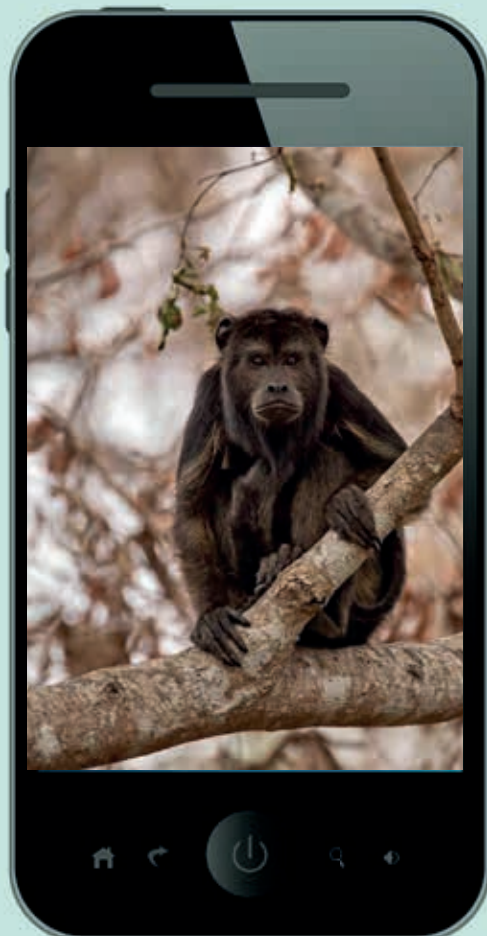
Elza de Jesus Teixeira – Bela Vista – GO

Adorei as camisetas que comprei nessa loja, sem contar no atendimento via WhatsApp, muito bom! Parabéns!

Sergio Soares – Campinas – SP

Já comprei produtos dessa loja. Produtos maravilhosos. Lindos e de ótima qualidade. Recomendando!

Leila de Carvalho Silva – São Bernardo do Campo – SP



Revista Xapuri

Imagem do mês

@revistaxapuri

@diogomelo.photo

Marque suas melhores fotos do
Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

Xapuri 80 JUN 21

SOCIOAMBIENTAL

08 CAPA
Madeira
Ministro da boiada vai sendo encurralado

20 ASTRONOMIA
O céu é o limite

15 BIODIVERSIDADE
Muriqui

21 CONJUNTURA
O ódio e o amor ao PT

18 CERRADO
A verdade, a água e o homem:
do pecado original ao pecado mortal

22 CONSCIÊNCIA NEGRA
Por quase 500 mil vidas perdidas para a Covid-19:
Fora, Bolsonaro genocida!

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

24 FORMOSA
Do Arraial de Santo Antônio ao Arraial de Couros

25 MEIO AMBIENTE
A natureza não é muda

26 RACISMO
Renato Freitas: cidadão e vereador negro preso por polícia racista numa praça de Curitiba

28 GASTRONOMIA
Bolo de abacaxi

32 BRASÍLIA
Brasília e as musas

34 LITERATURA
A CPI da poesia: Os poetas mortos

37 ECOLOGIA
Vespral de chuva

40 AVOSIDADE
Como a Covid-19 ataca os idosos?

42 MITOS E LENDAS
A lenda do Pé de Garrafa

43 SAGRADO INDÍGENA
Os brancos se dizem inteligentes

44 MEMÓRIA
Bárbara de Alencar: a primeira presa política do Brasil

46 SUSTENTABILIDADE
A persistência do ódio na sociedade brasileira

48 UNIVERSO FEMININO
As Amazonas

MADEIRA

MINISTRO DA BOIADA VAI SENDO ENCURRALADO

Jaime Sautchuk



Um burburinho se forma na Esplanada dos Ministérios e Praça dos Três Poderes, em Brasília, e uma série de ações ganham corpo em delegacias da Polícia Federal e barras de tribunais pra enquadrar o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles. Como diria o escritor goiano Hugo de Carvalho Ramos, esse trouxe-mouxe no quintal do presidente da República está demorando demais da conta, mas já se apresenta como inevitável.

“É evidente que o interesse privado de alguns poucos empresários foi colocado à frente do interesse público” – é o que diz o relatório da Delegacia de Repressão à Corrupção e Crimes Financeiros, da Polícia Federal, sobre exportações ilegais de madeira da Amazônia, por meio de negociatas coordenadas pelo ministro Salles. O documento é assinado pelo delegado Franco Perazzoni, chefe daquela delegacia, que coordenou essa parte das investigações ora em curso.

Na medida em que descreve as operações de madeireiros ilegais e exportadores, o policial revela a existência de um baita esquema criminoso, com ramificações e fortificações dentro do Ministério e de órgãos a ele subordinados. Esses entes do governo deveriam estar agindo no sentido contrário, evitando a devastação das florestas. Contudo, o documento acrescenta, por exemplo:

“A situação que se apresenta é de grave esquema criminoso de caráter transnacional. Essa empreitada criminosa não apenas realiza o patrocínio do interesse privado de madeireiros e exportadores em prejuízo do interesse público, mas também tem criado sérios obstáculos à ação fiscalizatória do Poder Público no trato das questões ambientais com inegáveis prejuízos a toda a sociedade”.

O delegado afirma, ainda, que Salles agiu em favor de empresas madeireiras com sede no Pará, estado de cujo território sai a maior parte da madeira contrabandeada. Ele determinou

a suspensão de uma instrução normativa do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), que entrou em vigor em 2011, de modo a permitir a exportação de produtos e subprodutos madeireiros de origem nativa de florestas naturais ou plantadas apenas mediante autorização do instituto.

Para cancelar os efeitos desse ato, o ministro do Meio Ambiente e o presidente afastado do Ibama, Eduardo Bim, segundo a Polícia Federal, desconsideraram recomendações técnicas de servidores de carreira e, “em total descompasso com a legalidade”, anularam a instrução normativa. Com isso, entre outros feitos, legalizaram retroativamente milhares de cargas que haviam sido remetidas ao exterior sem a respectiva autorização.

ESTRATÉGIA

Eduardo Bim foi, em verdade, a primeira grande nomeação anunciada ainda em dezembro de 2018 por Ricardo Salles, que no mês seguinte se tornaria ministro do Meio Ambiente. Além de refazer normas técnicas, ele contratou pausmandados pra funções estratégicas, como foi o caso de um ex-policial colocado justamente no Pará, estado que enfrenta as mais fortes pressões de madeireiros e mineradores. Salles nunca escondeu seu alinhamento às madeireiras.

Seguindo as diretrizes do ministro, Bim passou a impedir que funcionários do Ibama falassem com veículos de comunicação. E, depois de grandes reportagens recentes da *Reuters* e do *Intercept Brasil*, ele repetiu sua exigência de que os agentes ambientais encaminhem todas as perguntas para o Departamento de Comunicação do Instituto.

Ademais, Salles e Bim promoveram um verdadeiro desmonte do Ibama e de outros órgãos de fiscalização, demitindo servidores de carreira, com larga experiência, que agiam contra atividades

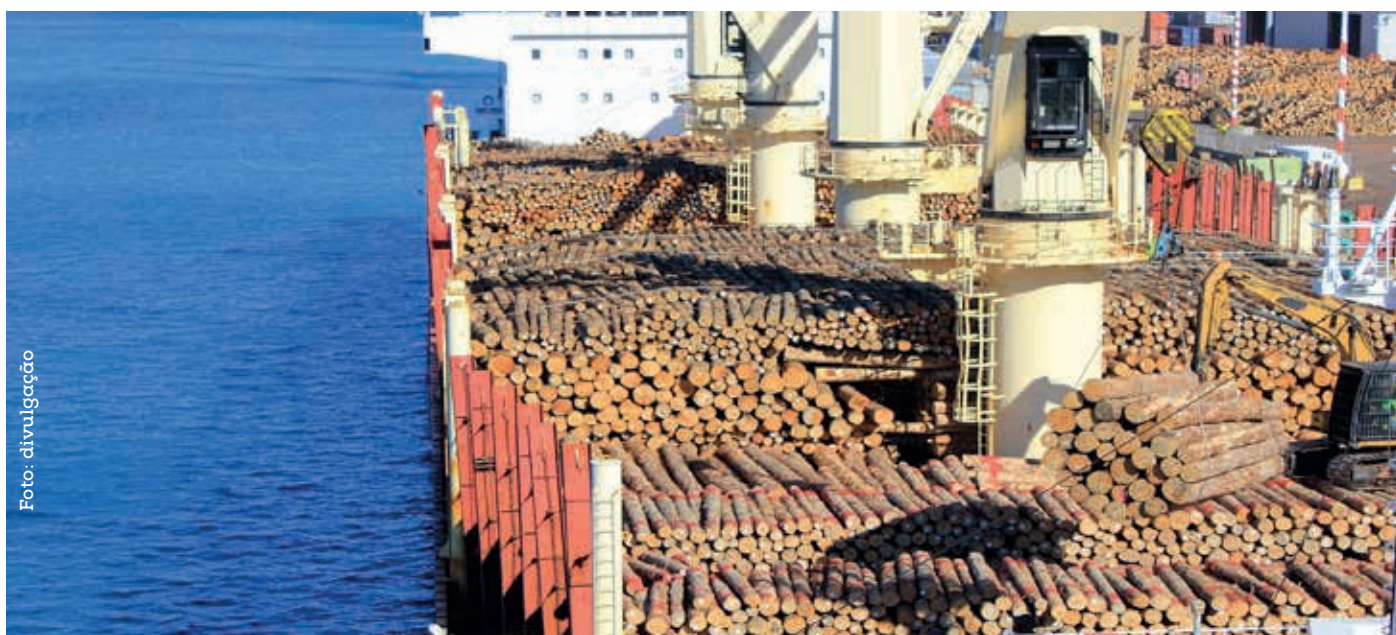


Foto: divulgação

ilegais de madeireiros. Em lugar destes, foram nomeadas pessoas de confiança do grupo no poder, pessoas essas que tomaram medidas de cunho oficial que facilitaram contrabando e movimentações financeiras suspeitas de pelo menos R\$ 1,7 milhão desde que Ricardo Salles entrou no governo federal.

No início de março do ano passado, a agência de notícias *Reuters* relatou que durante 2019 o Brasil exportou “milhares de cargas de madeira de um porto da Amazônia sem autorização da agência ambiental federal, aumentando o risco de que elas tenham sido extraídas de terras desmatadas ilegalmente”. Um funcionário do Ibama disse à *Reuters*, em condição de anonimato, que, em um porto no Pará, metade da madeira exportada no ano passado não era autorizada.

De acordo com uma reportagem publicada pelo portal *Intercept Brasil*, o escritório do Ibama no Pará tentou corrigir a revelação embaraçosa. No entanto, o escritório não intensificou seus procedimentos de monitoramento – em vez disso, iniciou um processo de relaxamento das suas regras e transformou o que pareciam ser importações ilegais em envios legais ao exterior.

A reportagem revelou que, em fevereiro de 2019, Walter Mendes Magalhães Junior, policial militar paulista aposentado, havia sido nomeado superintendente do Ibama no Pará. Mesmo sem nenhuma experiência em regulamentações ambientais, ele havia emitido licenças retroativas de exportação para cinco contêineres de madeiras supostamente ilegais que estavam detidos nos Estados Unidos, na Bélgica e na Dinamarca.

A madeira pertencia à Tradelink, uma empresa britânica que diz em seu site ter “27 anos de experiência” e descreve suas “linhas de produtos de alta qualidade”. A partir da ação de Magalhães Junior, a Tradelink resgatou cargas que somavam 795 mil reais. Em um documento escrito na época, Magalhães disse que sua ajuda à Tradelink não foi exclusiva, dado que uma “ação emergencial pode ser adotada a quaisquer empresas que estiverem em contexto semelhante”.

Quando questionado pelo *Intercept Brasil*, o superintendente disse que a Tradelink havia solicitado uma autorização para exportação, mas que o Ibama não havia sido capaz de lidar com o pedido no tempo correto. Ele explicou que, com “poucos funcionários”, o Ibama não conseguia responder adequadamente às “grandes demandas” enfrentadas. Como resultado, a supervisão investigativa da agência foi sumariamente ignorada.

Com uma canetada, Bim garantiu que todas as futuras exportações não autorizadas de madeira, anteriormente classificadas como ilegais, se tornassem legais. Mas, apesar da

manobra burocrática, continua mais alta do que nunca a possibilidade de que essa madeira agora considerada “legal” seja extraída de forma criminosa de terras indígenas ou áreas protegidas. A revisão da regra espantou alguns funcionários do Ibama. De acordo com a *Reuters*, Bim rejeitou a opinião de cinco especialistas do instituto.

Em um relatório sobre como a violência e a impunidade impulsionam o desmatamento na Amazônia brasileira, a *Human Rights Watch* analisou 28 assassinatos e 40 casos de ameaças de mortes na região, fornecendo fortes evidências de que criminosos veem ativistas e movimentos de resistência como obstáculos à extração ilegal. A HRW concluiu que uma das razões para o fracasso das autoridades na contenção da violência é o recente enfraquecimento da fiscalização de delitos ambientais.

Um indicativo desse enfraquecimento é a queda no número de multas impostas pelo Ibama por crimes do tipo. Em 2019, o número de multas ambientais caiu 34%: 9.745, o menor nível em 24 anos. O valor das multas caiu ainda mais, 43%, num total de 2,9 bilhões de reais. É o menor nível de multas desde 1995, quando o Brasil exibia recordes de desmatamento na Amazônia.

Nesse ponto, vale voltar ao relatório da Polícia Federal, que diz haver “evidente inércia governamental” que precisa ser cessada. “A tarefa exige dos poderes constituídos forte papel no fomento de modelos sustentáveis de exploração da floresta, sem, contudo, perder de vista o papel de suma importância que a fiscalização ambiental possui nesse contexto”. E arremata: “É urgente e necessário que as autoridades e os poderes constituídos estejam atentos a todas essas questões, sobretudo diante do atual momento em que vivemos”.

No entanto, essas ações de Salles têm encontrado respaldo do atual presidente da República, Jair Bolsonaro, que vem segurando o ministro no cargo, apesar das evidências demonstradas pela Polícia Federal e de processos contra ele abertos na Justiça. Ao contrário, o presidente tem dito e repetido que Salles é “o melhor ministro”, numa indicação de que pretende deixar as coisas do jeito em que estão.

SUPREMO

Em outro ato, já bastante divulgado, a PF encaminhou notícia-crime ao Supremo Tribunal Federal. Neste caso, o delegado Alexandre Saraiva foi destituído do cargo de superintendente da PF no Amazonas, após ter interpelado o Supremo com notícia-crime contra o ministro, acusado de defender o desmatamento ilegal na Amazônia. Ambientalistas autônomos e ligados a governos aconselham que ele deixe o cargo ou seja convidado



a sair pelo presidente da República, mas isso tudo em vão, por enquanto.

Ou seja, Salles representa aquilo que o governo federal advoga na questão ambiental, que é a mesma posição de madeireiros ilegais, mineradores ilegais e grileiros de terras. A ministra Carmen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal (STF), deu andamento ao processo da notícia-crime da Polícia Federal e a encaminhou à Procuradoria-Geral da República, com a observação de que o caso é “de gravidade incontestável” – e pediu providências.

Estranhamente, na ocasião, o procurador-geral da República, Augusto Aras, interpelou o Supremo, na tentativa de evitar que fosse aberta mais uma linha de ação contra o ministro protegido. Foi informado, entretanto, de que outros processos em curso contra ele não têm similaridade e podem seguir em frente.

TERRAS INDÍGENAS

Mais do que medidas legais do governo, que são muitas e bem direcionadas, o que abre as porteiras ao contrabando de madeiras e outros

produtos florestais são as sinalizações dadas pelo governo em favor dos exploradores. A colocação do próprio Ministério do Meio Ambiente na defesa dos madeireiros ilegais diante da Polícia Federal é um sinal fortíssimo, pois retira qualquer fiscalização do caminho, como que dizendo “podem passar”.

Ademais, o afrouxamento da legislação sobre desmatamento e mineração em terras da União – o que inclui os territórios indígenas e as áreas de proteção ambiental, como parques e reservas – foi outro sinal bem claro de que as porteiras estão abertas aos demolidores. Ao mesmo tempo, por iniciativa do governo, voltou a tramitar no Congresso Nacional o Projeto de Lei 490/2007, da Câmara dos Deputados, que autoriza a abertura dos territórios indígenas a grandes grupos empresariais privados. Basta que esses tenham projetos econômicos, nos setores minerais e madeireiros, a desenvolver nessas áreas.

Estudo do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), revela que essa proposta, defendida pela bancada ruralista, prevê uma série de modificações

nos direitos territoriais garantidos aos povos indígenas pela Constituição Federal de 1988. Inviabiliza, na prática, a demarcação de terras indígenas e abre as terras já demarcadas aos mais diversos empreendimentos econômicos, como agronegócio, mineração e construção de hidrelétricas.

Esse projeto tenta, de igual modo, implantar de vez a tese do Marco Temporal, que derruba o direito de usufruto exclusivo das terras indígenas pelos povos originários, garantido pela Constituição. Estabelece outras aberturas degradantes, como a possibilidade de que a União se aproprie e disponibilize para a reforma agrária terras em que tenha havido “alteração dos traços culturais da comunidade”.

O chamado Marco Temporal já é alvo de uma ação no Supremo Tribunal Federal (STF) estabelecendo que povos indígenas só podem reivindicar terras onde já estavam no dia 5 de outubro de 1988. Naquele dia, entrou em vigor a atual Constituição Brasileira. A bancada ruralista no Congresso e instituições ligadas ao agronegócio defendem o marco, pois significa, na verdade, a retaliação ou repartição dos territórios indígenas. Os povos

indígenas e entidades ligadas aos direitos humanos são contra, é claro.

Atualmente, por exemplo, milhares de garimpeiros ilegais estão em território dos índios Yanomami e Munduruku, especialmente no estado de Roraima. Já colocaram fogo em aldeia, espancaram e balearam indígenas, mas não são contidos pelo governo federal, muito pelo contrário. A Fundação Nacional do Índio (Funai) vem sendo desmontada também.

DEVASTAÇÃO

No final do ano passado, o ambientalista brasileiro Carlos Rittl fez detalhado levantamento, que publicou nas redes sociais da net, acompanhado de um gráfico, mostrando que a degradação florestal já havia praticamente dobrado na Amazônia brasileira em 2019, primeiro ano do governo de Jair Bolsonaro e do seu ministro do Meio Ambiente.

A degradação florestal disparou a 9.167 km² no ano passado, em comparação aos 4.946 km² em 2018, com base em dados obtidos pelo Deter-B, o sistema de monitoramento por satélite usado pelo



E O BRASIL QUE SE VENDE CONTRA O BRASIL QUE NÃO SE RENDE



Ilustração: IT Catalão

ITCatalao

Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) para detectar desmatamento quase em tempo real. A divulgação desses dados, que são públicos, provocou a intervenção do presidente da República nesse órgão técnico-científico brasileiro.

A degradação florestal frequentemente começa quando madeireiras abrem caminhos na floresta para cortar e remover madeiras valiosas, escolhidas a dedo. Embora a maior parte das árvores permaneça intocada, a floresta perde quase tanta biodiversidade quanto perderia se fosse totalmente desmatada. A área também se torna mais vulnerável a secas e a incêndios florestais.

CONTRABANDO

Os arquivos da Polícia Federal revelam a quantidade de mais ou menos três mil navios do porte de petroleiros que deixaram os rios brasileiros e seguiram rumo aos Estados Unidos e Europa desde o início do atual governo federal. São milhares e milhares de toras de madeiras de muitas variedades, mas todas de primeira qualidade, com mais de 30 metros de comprimento e diâmetro superior a um metro e meio cada.

As operações de derrubada das árvores, desbaste dos galhos, transporte das toras em solo firme e carregamento nas embarcações exigem a presença, no meio da floresta, de máquinas pesadas, com guindastes e guinchos. Além de estrutura portuária, geradores de energia, bombas d'água e assim por diante. Deste modo, cada nova área de desmatamento aberta representa uma nova base, com grande número de pessoas armadas até os dentes. Os fiscais do Ibama que desmontaram uma dessas bases meses atrás, colocando fogo nas máquinas e caminhões, foram demitidos.

As apreensões de três embarcações brasileiras carregadas de madeira pela polícia dos Estados Unidos foram informadas aos órgãos policiais daqui por meio de ofício do embaixador daquele país em Brasília. No documento, que vazou e caiu na mídia tradicional e nas redes sociais da net, as autoridades estadunidenses informam o envolvimento do ministro Salles com aqueles carregamentos. O embaixador sugere que se faça uma parceria no sentido de conter o contrabando, mas isso já implicaria negociações diplomáticas e boa vontade do governo, o que não tem sido a tonalidade oficial.



Charge: divulgação / Miguel Pativa

FUGITIVO

Depois da intensificação de denúncias de crimes e de ações concretas da Polícia Federal, Salles deixou de aparecer em público, cancelando agendas marcadas há mais tempo. E com isso tem criado problemas. Foi o caso, por exemplo, de reunião do tal Conselho da Amazônia, órgão formado por duas dezenas de ministros e coordenado pelo vice-presidente da República, general Hamilton Mourão.

Na última semana de maio passado, o general Mourão convocou reunião do Conselho, pra debater vários temas, inclusive o desmatamento, e, com isso, desviar as atenções de outros temas mais incômodos ao governo. No dia marcado, um sábado, todos os ministros conselheiros estavam lá, menos um, justamente o do Meio Ambiente, que sequer avisou que não iria, nem pediu desculpas, o que irritou o vice-presidente. "É falta de educação", disse ele.

Salles nasceu em São Paulo, filho de advogados conservadores. Ele se formou em Direito também, pela Universidade Mackenzie, mas nunca chegou a exercer a profissão, tomando o rumo da política, mas com pouco sucesso nas tentativas que fez a cargos eletivos. Por anos, ele divulgou currículo em que dizia ter curso de mestrado na Universidade de Yale, nos Estados Unidos, mas era mentira, o que gerou um desmentido oficial da instituição. E tampouco tem formação na área ambiental.

Foi secretário particular do governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, em 2013 e 14, e Secretário do Meio Ambiente de São Paulo de 2016 a 2017. Fundou, em 2006, o Movimento Endireita Brasil (MEB), organização alinhada à chamada nova direita, movimento político-ideológico de orientação fascista e racista. Um dos objetivos declarados do movimento é reabilitar a palavra "direita" no vocabulário político brasileiro.

Em 2018, Salles se candidatou ao cargo de deputado federal por São Paulo, pelo Partido Novo, tendo se destacado por usar as redes sociais pra difundir mensagens que incitam a violência. Sua propaganda associa o uso de armas de fogo no combate à esquerda e ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Também divulgou vídeo falso, contendo *fake news* (mentiras) sobre a ONG Greenpeace, mas foi denunciado e largamente desmascarado. Teve cerca de 36 mil votos e não conseguiu se eleger, mas recebeu de presente o cargo de ministro.



Jaime Sautchuk –
Jornalista. Escritor.



MURIQUI

Helho e Nani

Macaco grande, o maior de todos.
Macaco de macaco.
Na maca lá vai o macaco Muriqui.
Para o CTI da extinção.

Helho (Helio Bueno) - Jornalista e escritor



Nani (Ernani Diniz Lucas) - Ilustrador e escritor, em *Desextinção*. Editora Thex, 1997.

VACINA NO BRAÇO: UMA



PERSEVERAR, C

A LUTA, UMA CONQUISTA!



UIDAR E VIVER!



A VERDADE, A ÁGUA E O HOMEM: DO PECADO ORIGINAL AO PECADO MORTAL

Altair Sales Barbosa

Dedicado a D. Pedro Casaldáliga, o peregrino do Sertão de Dentro

Brotando das entranhas da Terra, ou precipitando na forma de chuvas, granizo e neve, a água se nos apresenta na roupagem de vários personagens: pingos gotejando, fonte jorrante, torrente rugidora, cascata, lagos, rios e mares. Quando pura e límpida, estimula a inteligência; quando suja, mata de maneira avassaladora, sendo responsável por 1,7 milhões de mortes por ano. É o único elemento encontrado no estado gasoso, sólido e líquido.

Sua origem se deve à fissura de minerais silicatados, em cuja composição entram átomos de hidrogênio e oxigênio, expelidos pelos vulcões ou lançados à atmosfera primitiva da Terra pelo impacto de meteoros e meteoritos. Isso aconteceu no alvorecer da história do nosso planeta.

Delá para cá se passaram quase cinco bilhões de anos, até que um dia, entre os seres vivos do planeta Terra, surgiu o gênero *Homo*, fruto de processos evolutivos complicados, antecidos de adaptações e mutações coroadas de êxito. Esse fato se deu há pouco tempo, geologicamente falando, dois milhões de anos, numa época denominada Pleistoceno, caracterizada por mudanças climáticas que afetaram todo o planeta e, de forma decisiva, o continente africano, berço da humanidade.

Os primeiros representantes do gênero humano, conhecidos como *Homo habilis*, se apossaram das águas do antigo lago Turkaná, impedindo que seus parentes, os *Australopithecineos*, fizessem também uso dessa água. E assim, pela força sedimentada no egoísmo, nosso primeiro ancestral conduz à extinção nossos parentes próximos e com base na competição se estabelecem à margem do lago, transformando-o no seu território primordial. Com isso, a humanidade ainda no seu alvorecer, na disputa pela água, comete o "Pecado Original", fundamentado no egoísmo e no desejo de não compartilhar.

Do alto do seu poderio o *Homo habilis* se transforma em *Homo erectus*, conquistando, além da África, a Ásia Menor, o Extremo Oriente e a Europa, sempre migrando ao longo de antigas fontes de águas cristalinas. Por volta de 200 a 150 mil anos Antes do Presente (A.P.), o *Homo erectus* dá origem ao *Homo sapiens* primitivo, exímio caçador, nômade, cujo consumo de proteína animal o transforma num guerreiro fabuloso, mas extremamente dependente



da água, quer para saciar sua sede, quer para suprir suas necessidades alimentares.

Por volta de 30 mil anos A.P., o *Homo sapiens* primitivo, agora transformado em *Homo sapiens sapiens*, já se encontra disperso pelos quatro cantos do planeta. Os vestígios arqueológicos demonstram que por muito tempo nossos antepassados escolhiam seus locais de acampamento, ou locais para construir suas aldeias e cidadelas, levando em consideração a qualidade da água.

Como artimanha usavam sacrificar um animal e examinar o seu fígado, se este estivesse azulado, poderia ser indicio de água ruim, mas se o fígado do animal se apresentasse com aspecto saudável, significava que ali tinha água de boa qualidade. E assim a humanidade foi estabelecendo uma relação de forte amor com a água.

Não é de se estranhar, portanto, que os primeiros documentos escritos dos Sumérios já contivessem normas sobre a utilização da água.

Os camponeses sediados às margens do Nilo, do Eufrates e do Tigre tinham de evitar que esses rios, por ocasião de suas enchentes, invadissem suas lavouras. Para isso, inventaram primitivos, mas eficientes, pluviômetros para medir o volume de vazão da água.

São incontáveis os dados registrados em antigos documentos escritos que assinalam o significado que se emprestava ao uso da água. No Eufrates, por exemplo, foi encontrada um lápide em calcário de mais ou menos 4 mil e 300 anos A.P. com a seguinte inscrição: "Ur-Namu foi quem ordenou que se realizassem as obras dos canais; mas ele cede aos deuses a honra de fornecer a dádiva que é a água abençoada, que dá fertilidade às terras".

Também no Velho Testamento se encontram inúmeros indícios da importância que se conferia à água. Eis um exemplo: "Empreendi grandes obras, edifiquei casas, plantei vinhas, fiz jardim e pomares e nestes plantei árvores frutíferas de toda espécie. Fiz açudes para regar com eles os bosques em que reverdeciam as árvores" (Eclesiastes 2, vers. 4 a 6).

A noção de que se devia economizar água estava profundamente arraigada na mentalidade dos nossos antepassados da Antiguidade. O antigo provérbio grego dizia: "O melhor, porém, é a água, melhor dos que os jogos olímpicos e do que o ouro".

Foi Aristóteles o primeiro a estabelecer as relações entre a água da chuva e a água subterrânea.

Hipócrates faz inúmeras menções às fontes e a seus poderes curativos.

Ainda na Antiguidade, as fontes mereciam a veneração dedicada às mães que, por sua vez, eram as protetoras dos lagos.

A água durante séculos foi utilizada como fonte de purificação, motivou João Batista no rio Jordão a expurgar o pecado original, usando-a como símbolo do batismo. Todas as religiões da Terra a usam com seus poderes mágicos nos seus rituais. É a madrinha dos querubins.

Foi nas margens do rio Niger, em Timbuctu, que Ibn Batuta, pregador do Islão pelas terras do norte da África ao Iêmen, criou no século XI a primeira Universidade do mundo, para estudar a relação dos povos com a água e seus costumes.

E assim, acumulando conhecimentos, o homem da pedra lascada, quase que num passe de mágica transforma-se em agricultor, promove no início a revolução muscular, depois a revolução mecânica, a revolução elétrica e, nas últimas décadas, a cibernética, matriz da revolução eletrônica.

Entretanto, a tecnologia que possibilitou ao homem sair do seu planeta e fincar bandeiras em outros rincões do sistema solar trouxe também o consumismo voraz como modelo de desenvolvimento e progresso. E, em nome deste, uma pequena parcela da humanidade moderna, de posse dessa alta tecnologia e representada por grandes empresas multinacionais desvinculadas dos estados e, por isso, sem responsabilidade social e moral,

se apossaram das águas modernas, poluindo os rios, construindo represas, desviando e transpondo os cursos das águas, sem levar em consideração as histórias evolutivas particulares de cada lugar.

O fato é que hoje temos conhecimento suficiente para afirmar que a água é um recurso finito que em breve vai faltar em várias partes do mundo, que os aquíferos que sustentam os rios estão na base mínima de suas reservas e que com a retirada da vegetação nativa a recarga desses aquíferos se torna impossível. Sabemos que necessitamos de água em nossas casas, também necessitamos dela para a produção de alimentos, para a indústria, para produção de energia etc., mas também sabemos que, sem saneamento, a água, fonte da vida, se transforma num veneno letal.

Os donos do mundo já estão falando em privatização das águas, ou seja, querem considerar a água apenas um bem comercial, em contraposição aos que veem a água como patrimônio da humanidade e que, por isso, deve ser preservada e não privatizada, nem transplantada.

Agindo desta forma os grupos poderosos, que em nome de um falso progresso já desestruturaram o território, orquestram agora o controle do planeta, pela privatização da água. Será o princípio do fim, porque a ganância, associada ao egoísmo no seu mais elevado grau, fará o gênero humano se destruir pelo "Pecado Mortal".

O mais impressionante é que esses grupos ou seus representantes se arvoram em ser os defensores do planeta Terra. Temos que salvar o planeta, apregoam eles, nos seus sistemas de comunicação, tomando medidas enganosas e paliativas.

Ora, a Terra tem 4,6 bilhões de anos e durante sua trajetória evolutiva sofreu várias percalços: já foi Pangeia, Laurásia, Gondwana, viu quase que a total extinção da vida pelo impacto de meteoros, vulcões, furacões etc., mas o nosso planeta, utilizando como parâmetro o tempo da natureza, se refez, e mesmo que de forma diferente continuou sobrevivendo, e assim continuará.

Ainda que um dia sequem todas as fontes de água potável, com alguns milhões de anos, a velha Terra será capaz de se recuperar.

Portanto, a preocupação não deve ser com o planeta. A Terra não precisa do homem, o homem é que necessita dela. Por isso, a preocupação deve ser com o gênero *Homo*, este sim merece uma nova oportunidade, pois o modelo econômico predatório no qual está inserido o encurrala num beco sem saída.

A água, berço da vida na terra, poderia fazer renascer na cabeça da modernidade novas mentalidades. E, na iminência da sua falta, quem sabe novas consciências pudessem brotar, fazendo emergir a liberdade e a luta pela vida.



Altair Sales Barbosa - Doutor em Antropologia / Arqueologia. Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás. Pesquisador Convidado da UniEvangélica de Anápolis.



O CÉU É O LIMITE

Desde a Pré-História, a observação do céu vem colaborando para que o ser humano descubra mais sobre os mistérios da vida no planeta. Sabe-se, por exemplo, que a noção da passagem do tempo (dia e noite) e dos ciclos da natureza – fundamental para o desenvolvimento da agricultura e, portanto, da evolução humana – surgiu graças às observações que o homem das cavernas fez do céu.

Na tentativa de desvendar o universo – e descobrir um pouco sobre si mesmo – o ser humano construiu, ao longo da história, várias teorias. Primeiro acreditou que o céu abrigava os deuses, associando alguns fenômenos naturais a castigos divinos; mais tarde, defendeu a ideia de que o Sol era uma bola de fogo e, por muito tempo, sustentou a crença de que a Terra não se movia (Geocentrismo).

Com a teoria de que o Sol, e não a Terra, era o centro do universo (Heliocentrismo), o homem fundou a base do pensamento moderno, criando as condições para que a produção do conhecimento tomasse proporções cada vez maiores. A invenção

do telescópio, no século XVII, permitiu aproximar os corpos celestes e inaugurou uma nova relação entre o ser humano e o universo.

Hoje, a ciência e a tecnologia avançaram a tal ponto que os cientistas são capazes de identificar corpos muito pequenos e cada vez mais distantes do sistema solar; confirmar a existência de buracos negros ou descobrir planetas extrassolares – que orbitam em uma estrela que não é o Sol.

Com tantas e surpreendentes descobertas, é difícil imaginar que por um longo período a humanidade acreditou que a Terra, além de imóvel, era o centro do universo!

Fonte: Revista Nossa Terra – uma viagem às origens da vida. Fundação Elias Mansour/Biblioteca da Floresta – Rio Branco – Acre, Maio/2010.



O ÓDIO E O AMOR AO PT

Emir Sader

Odeiam o PT porque ele colocou os filhos dos pobres nas universidades.

Amam o PT porque ele colocou os filhos dos pobres nas universidades.

Odeiam o PT porque ele fez com que as trabalhadoras domésticas tivessem carteira de trabalho.

Amam o PT porque ele fez com que as trabalhadoras domésticas tivessem carteira de trabalho.

Odeiam o PT porque ele fez com que todos os novos empregos tivessem carteira de trabalho assinada.

Amam o PT porque ele fez com que todos os novos empregos tivessem carteira de trabalho assinada.

Odeiam o PT porque distribui renda para os pobres.

Amam o PT porque distribui renda para os pobres.

Odeiam o PT porque fundou novas universidades em todos os lugares do Brasil.

Amam o PT porque fundou novas universidades em todos os lugares do Brasil.

Odeiam o PT porque gera empregos com carteira assinada e não sem vínculo empregatício nenhum.

Amam o PT porque gera empregos com carteira assinada e não sem vínculo empregatício nenhum.

Odeiam o PT porque gastou mais recursos públicos para fortalecer o SUS.

Amam o PT porque gastou mais recursos públicos para fortalecer o SUS.

Odeiam o PT porque contratou mais servidores públicos para atender à população.

Amam o PT porque contratou mais servidores públicos para atender à população.

Odeiam o PT porque os pobres passaram a viajar de avião.

Amam o PT porque os pobres passaram a viajar de avião.

Odeiam o PT porque os aeroportos passaram a se parecer com rodoviárias.

Amam o PT porque os aeroportos passaram a se parecer com rodoviárias.

Odeiam o PT porque elegeu e reelegeu um trabalhador presidente do Brasil.

Amam o PT porque elegeu e reelegeu um trabalhador presidente do Brasil.

Odeiam o PT porque vai eleger de novo um trabalhador presidente do Brasil.

Amam o PT porque vai eleger de novo um trabalhador presidente do Brasil.



Emir Sader -

Sociólogo. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.



CONSCIÊNCIA NEGRA

**POR QUASE 500 MIL VIDAS
PERDIDAS PARA A COVID-19:
FORA, BOLSONARO GENOCIDA!**

Iêda Leal



Governo negou a compra de vacinas por 14 vezes

Quase 500 mil vidas já foram perdidas para a COVID-19 no Brasil. Quase meio milhão de famílias, entes queridos e demais setores da sociedade afetados com um vazio. Pior que a morte é a falta que vem do nada, sem enterro, sem despedida, e que poderia ter sido evitada, em parte dos casos.

Hoje é fato conhecido que o governo Bolsonaro recusou comprar vacinas contra a COVID-19 por 14 vezes, inclusive vacinas da Pfizer oferecidas em 2020 pela metade do preço pago por Estados Unidos, Reino Unido e União Europeia. Estima-se que 70 milhões de doses poderiam ter chegado ao Brasil a partir de dezembro de 2020; no entanto, a vacinação só começou dia 17 de janeiro deste ano.

Mas, afinal, um governo que tratou a pandemia como gripezinha desvela desde o início seu ataque contra o povo. A grande aposta do governo atual, sempre preocupado com os interesses dos grandes empresários e perpetuando a política de morte da polícia, seguiu pelo caminho do negacionismo, do fascismo e do racismo, interessado no desprezo da ciência e em uma imunização de rebanho, à la “quem morreu, morreu”.

Segundo a revista *Super Interessante*, o orçamento para o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), órgão que promove e estimula o desenvolvimento da ciência e tecnologia, caiu de R\$ 1 bilhão em 2020 para R\$ 898 milhões, em 2021.

Além disso, o governo realizou cortes no orçamento de Universidades Federais que ameaçam o fechamento das instituições, como a Universidade Federal de Goiás (UFG), e irão afetar mais de 70 mil pesquisas, sendo 2 mil relacionadas à pandemia.

Além das mortes em decorrência do Coronavírus, o governo Bolsonaro carrega em suas mãos o sangue do esfacelamento dos bens públicos, enquanto observa com olhos gananciosos a PEC 32, que ataca diretamente os/as servidores/as públicos/as. Por esses e tantos outros motivos, dizer “Fora, Bolsonaro genocida!” é urgente e necessário.

Um governo que trabalha em prol da morte e dos grandes magnatas não está – e nunca esteve – preocupado nem com o seu eleitorado. A vacina contra a COVID-19 é um dos caminhos para desmontar o negacionismo do presidente, mas, junto com ela, precisamos vacinar todos e todas contra o fascismo, o racismo e o preconceito e voltar as preocupações e apoio para a defesa da ciência e da vida.



Iêda Leal – Tesoureira do SINTEGO / Secretária de Combate ao Racismo da CNTE / Coordenadora Nacional do MNU / Coordenadora do Centro de Referência Negra Lélia Gonzalez / Secretária de Comunicação da CUT-Goiás



DO ARRAIAL DE SANTO ANTÔNIO AO ARRAIAL DE COUROS

Alfredo A. Saad

Não é muito difícil, hoje, imaginar a primeira rua de casas, com a aparência de rua verdadeira, no arraial de Couros.

Diz a lenda que, tangidos pelas doenças que assolavam o Arraial de Santo Antônio, nas proximidades da Cachoeira do Itiquira, no Vão do Paranã, os habitantes reuniram suas coisas, seus cacarés e mudaram-se para um sítio mais saudável – o local onde hoje se ergue Formosa.

Na verdade, a mudança e o consequente abandono de Santo Antônio devem, sim, ter sido motivado, em parte, pelas doenças, malária, em especial, muito comum na região do Paranã, mas, principalmente, deve ter-se realizado, porque a proximidade do Registro da Lagoa Feia certamente tornaria possível melhores negócios para quem vivia do comércio de peles de animais, de carne seca e de couro de gado.

Aquele era o local de pouso dos tropeiros, vindos da Bahia, de Carinhanha e Barreiras e de outros locais, às margens do rio São Francisco, e de Minas Gerais, de Paracatu e arredores, rumo aos garimpos de Vila Boa, de Meia Ponte, de Santa Luzia e de

Cuiabá – e, também, daqueles que, vindos desses lugares, demandavam os garimpos de Cavalcante e os currais daquelas regiões da Bahia.

Pode-se deduzir que os tropeiros, vindos do sul, depois de 1750, aproximadamente, não conduzissem gado, pois este já era criado no Vale do Paranã, senão, como conseguiriam os habitantes do Arraial de Couros os couros que negociavam? Mas é seguro admitir que o escambo era feito na base do couro de gado e carne seca, produzidos na região, e de peles de animais silvestres por sal, ferragens e tecidos, trazidos do litoral.

Quando o Urbano do Couro passou pela Lagoa Feia, a região deveria já ser habitada, não por garimpeiros, pois ali não havia ouro, ou cristais, mas por pescadores e por criadores, forçosamente necessitados de sal, de aquisição tão difícil na região.



Alfredo A. Saad – Escritor, em *Álbum de Formosa* – um ensaio de história e mentalidades. Obra póstuma, publicada pela família em 2013.



A NATUREZA NÃO É MUDA

Eduardo Galeano

A realidade pinta naturezas-mortas.

As catástrofes são chamadas de naturais, como se a natureza fosse o verdugo e não a vítima, enquanto o clima fica de louco de pedra e nós também.

Hoje [5 de junho] é o Dia do Meio Ambiente. Um bom dia para celebrar a nova Constituição do Equador, que, no ano de 2008, pela primeira vez na história do mundo, reconheceu a natureza como um sujeito de direito.

Parece estranho que a natureza tenha direitos, como se fosse pessoa. E ao mesmo tempo parece a coisa mais normal que as grandes empresas dos Estados Unidos tenham direitos humanos. E têm, por decisão da Suprema Corte de Justiça, desde 1886.

Se a natureza fosse um banco, já teria sido salva.



Eduardo Galeano - Escritor
Revolucionário, em *Os Filhos dos
Dias*, Editora L&PM, 2ª edição, 2012.

RENATO FREITAS: CIDADÃO E VEREADOR NEGRO PRESO POR POLÍCIA RACISTA NUMA PRAÇA DE CURITIBA

— Zezé Weiss





Na tarde do dia 04 de junho, às quatro horas da tarde, um jovem negro foi preso enquanto jogava basquete com um amigo na Praça 29 de Março, no centro de Curitiba.

Renato Freitas Júnior, advogado, mestre em Direito pela Universidade Federal do Paraná, vereador pelo Partido dos Trabalhadores, eleito com mais de cinco mil votos nas eleições de 2018, perdeu a liberdade por, segundo quem o prendeu, "perturbação do sossego" (conforme áudios gravados por populares no momento da prisão).

A perturbação do sossego? Uma caixa de som ligada para que Renato ouvisse música enquanto praticava esporte com o amigo David Willians. Imobilizado por três policiais, Renato foi levado para o 12º Batalhão da PM de Curitiba, para a assinatura de um termo circunstanciado. Antes, porém, quebram a caixa de som de Renato.

No camburão, já algemado, a caminho da prisão, Renato insiste em saber o motivo da prisão. Sem resposta, desabafa: "Por que estamos sendo presos? Por que não nos dizem a razão da nossa prisão? Um dos agentes responde: "Não sei". Renato reage: "Vocês nos prendem sem motivo, só porque escureceremos a praça branca e elitista de vocês?" E, antes da porta da viatura fechar, completa: "Essa é a cara de Curitiba, a cara do racismo".

Depois de quatro horas na Polícia, ao ser liberado, ante as vozes companheiras que, solidárias, gritavam "Abaixo o Racismo – Renato Livre", Renato fez o seguinte desabafo*:

Lamento profundamente a abordagem da Guarda Municipal na tarde de hoje (04/06). Nós não estávamos fazendo absolutamente nada. A PM nos abordou em uma praça que estava aberta, com pessoas praticando esporte, fazendo caminhadas.

Até agora, saindo dessa delegacia, continuo sem saber por que fui preso. Fomos tratados como inimigos, trataram a gente com racismo, como sub-cidadãos, não como cidadãos, não como pessoas. E essa não é a primeira vez que fui preso nesta praça. Esse mesmo Batalhão já me prendeu aqui, da outra também me prenderam, me algemaram sem razão nenhuma, só porque, depois de me revistar e não achar nada, me mandaram sair da praça e eu disse que não saía.

A gente tava sendo o que a gente é – só arremessando uma bola de basquete, só duas pessoas, a seis, oito metros de distância um do outro, e de máscaras. Começaram a querer esganar, a querer nos segurar, a querer dar golpe na gente quando a gente já estava preso. Até agora não sei a razão dessa violência, mas sei que o racismo tem cor e é crime.

O fato é que o que a gente é incomoda. Os olhares desses policiais não conseguiam nos enxergar, porque a visão deles estava turva. A nossa felicidade, ali, ouvindo música e praticando esporte, infelizmente, gera incômodo. A gente está na luta para combater isso. Eu digo não, e vou continuar dizendo não, custe o que custar, seja como for. Ah, e eu falei do Rap. O Rap é tipo Galileu e a sua teoria, a sua poesia – provou que o mundo não é centro, e é também é periferia.

Infelizmente, a violência sofrida por Renato Freitas acontece, todos os dias, contra a juventude negra deste nosso Brasil dominado por um Estado Genocida. É nosso direito denunciar e resistir. Em Resistência, denunciemos!



Zezé Weiss -
Jornalista



BOLO DE ABACAXI

Lúcia Resende

Bolo é quase que obrigação aqui em casa. Vai daí que há sempre um bolo para um chá ou café. O de abacaxi é dos preferidos, e a receita que trago aqui, criação minha, na regra “do que tem”, que nosso neto Nilo ama e festeja sempre que aqui chega.

A denominação “bolo do que tem” surgiu num dia em que o Nilo, de férias aqui em casa, veio para a cozinha seduzido pelo cheiro do bolo. Eu tenho hábito de fazer as massas meio “por rumo”, sem medida, como dizia minha mãe, e sempre usando o que tenho na cozinha. Por exemplo, na falta de leite, vai suco de fruta, ou água mesmo. Se tem uma fruta passando do ponto, é ela que entra na receita.

Pois bem, naquele dia, ao provar o bolo, Nilo perguntou de que era aquela delícia. Respondi de pronto que era “bolo do que tem” e lhe expliquei a minha prática. Agora, ele, já moço, vem raramente, mas sempre quer o bolo da casa, seja de queijo, frutas ou de qualquer ingrediente disponível!

INGREDIENTES

3 ovos

1 xícara de óleo

2 xícaras de açúcar
(1 para a massa e outra para o caramelo)

3 ½ xícaras cheias de farinha de trigo

2 xícaras de leite

1 pitada de sal

1 colher de sopa de fermento em pó

Canela (a gosto)

Fatias de abacaxi

MODO DE FAZER

Primeiro, caramelize bem uma forma com uma xícara de açúcar e reserve a outra para a massa. Sobre o caramelo, coloque as fatias de abacaxi e, se quiser, polvilhe levemente com canela.

No liquidificador, coloque os ovos, o óleo, uma xícara de açúcar, o sal e o leite. Bata bem e, em seguida, despeje em uma vasilha. Depois, vá peneirando a farinha, misturando bem, sem bater. Por último, o fermento. Despeje a massa na forma e asse em forno pré-aquecido.

P.S.: Na falta de abacaxi, pode usar banana, maçã ou outra fruta.



Lúcia Resende
Professora

 @mluciares

GOVERNO EDITA MP QUE REDUZ FUNDOS CONSTITUCIONAIS DE FINANCIAMENTO DO NORTE, CENTRO-OESTE E NORDESTE

Cleiton dos Santos



Foto: divulgação

O presidente Jair Bolsonaro editou em maio a Medida Provisória 1.052/2021, que provoca mudanças devastadoras nos Fundos Constitucionais de Financiamento do Norte (FNO), do Centro-Oeste (FCO) e do Nordeste (FNE), com impactos negativos no Banco da Amazônia, Banco do Nordeste (BNB) e Banco do Brasil, os bancos públicos que executam esses programas.

Entre outros impactos, a MP restringe o papel desses bancos públicos no gerenciamento dos fundos constitucionais e permite a entrada dos bancos privados, reduz o volume de recursos públicos desses programas, aumenta a taxa de juros, retira a prioridade das regiões mais carentes e praticamente inviabiliza os empréstimos para os micros, pequenos e médios produtores rurais e projetos florestais.

“A MP 1.052/2021 está em linha com a estratégia ultraliberal da gestão Bolsonaro/Paulo Guedes de enfraquecer os bancos públicos, desmontar os programas voltados para os pequenos e micros e empreendedores que visam o desenvolvimento econômico e social, cedendo às pressões do sistema financeiro privado”, denuncia Cleiton dos Santos, presidente da Federação dos Bancários do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN).

(Intertítulo) Programas são pilares do desenvolvimento do Norte e Centro-Oeste.

“Os fundos constitucionais são hoje imprescindíveis para o desenvolvimento sustentável das regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste. Ao enfraquecer esses programas e os bancos públicos que os operacionalizam, o governo Bolsonaro dá mais um passo em sua política de destruição dos projetos sociais e do Brasil. Além disso, a MP viola o artigo 34 da Constituição Federal quanto à finalidade dos fundos constitucionais”, critica Cleiton. Os investimentos de longo prazo respondem por 80% da carteira de crédito do FNO. Eles vêm aumentando a cada ano e estão presentes nos 450 municípios da região Norte, atendendo principalmente agricultores familiares, micro e pequenas empresas, empreendedores rurais e urbanos de todos os portes

O Fundo é responsável hoje por 65% do crédito de fomento da região Norte, viabilizando também projetos de infraestrutura para melhorar a qualidade de vida da população. São R\$ 63,9 bilhões investidos em mais de 738 mil operações de crédito espalhados por toda a região, todos administrados pelo Banco da Amazônia. Bancários articulam campanha contra MP A Fetec-CUT/CN, seus sindicatos filiados e outras entidades regionais e nacionais representativas dos bancários lançaram campanha para pressionar o Congresso Nacional a rejeitar a MP 1.052. A campanha envolverá a participação de parlamentares e a Frente de Defesa dos Bancos Públicos e buscará apoio das entidades representativas regionais, federações da indústria, comércio e de agricultores, associações comerciais, clubes de diretores lojistas e sindicatos de trabalhadores. Os impactos da MP 1.052

- Novo fundo não será exclusivo para as regiões mais carentes das regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste.
- Reduzirá os recursos dos investimentos federais nas três regiões.
- A redução da taxa de administração por parte dos bancos públicos inviabilizará o crédito aos pequenos agricultores do Pronaf e Pronaf Floresta, que hoje são de risco exclusivo do FNO, FNE e FCO.
- Redução de receita do Banco da Amazônia, do BB e do BNB.
- Os financiamentos de longo prazo serão reduzidos.
- As taxas de juros poderão ser alteradas anualmente.



Cleiton dos Santos – Presidente da Federação dos Bancários do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN)



BRASÍLIA E AS MÚSAS

Ernesto Silva

No dia 12 de setembro de 1958, o Correio da Manhã, do Rio, publicou, sob o título BRASÍLIA E AS MUSAS:

“Três figuras marcaram o ponto alto da edificação de Brasília. São elas: o Sr. Israel Pinheiro, o Sr. Bernardo Sayão e o Sr. Ernesto Silva”. Para celebrar sua ativa colaboração na nova empresa, os poetas locais fizeram este versinho:

*“O açúcar e o mel
são filhos do Israel.
A carne e o pão
são filhos do Sayão.
E o resto?
é do Ernesto.”*

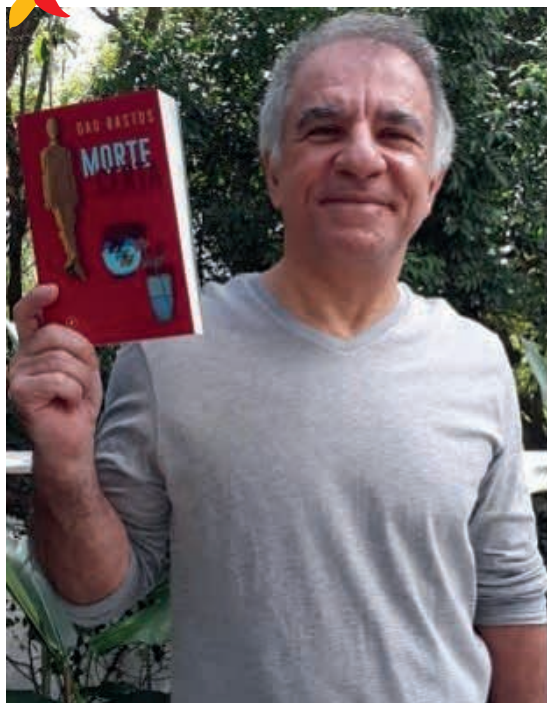
Quando Sayão foi escolhido pelo Presidente da República um dos diretores da NOVACAP, os políticos ligados ao Governo de Goiás não gostaram da indicação: eles desejavam a nomeação de um elemento do Governador José Ludovico de Almeida.

Inicialmente, levantaram a hipótese de que a nomeação era incompatível com o cargo de vice-governador de Goiás. Sabedor da resistência, chamei Sayão e o pus a par do que se passava e o aconselhei a renunciar ao cargo de vice-governador se persistisse o impasse.

Mas tudo foi acomodado e Sayão permaneceu como vice, em Goiás, e como diretor da NOVACAP.



Ernesto Silva – Foi médico, escritor e construtor de Brasília. Texto extraído de seu livro *História de Brasília – Um sonho. Uma esperança. Uma realidade*. CDL, 1997.



CULTURA Um indígena na ABL?

Muito tem se falado na eleição de um escritor negro para uma das três vagas na ABL. Agora surgiu um um indígena. Daniel Munduruku (foto), da etnia Munduruku, vai apresentar seu nome para concorrer a uma cadeira.

Paraense, 57 anos, é autor de dezenas de livros, traduzidos e premiados — inclusive pela ABL, pela ONU e pelo Jabuti.



Foto: Taquiprati

A CPI DA POESIA: OS POETAS MORTOS

————— José Ribamar Bessa Freire

Quem está tentando matar a poesia no Brasil? Para identificar os autores de tais ações foi criada na Câmara de Deputados a CPI da Poesia, que tem o poder de convocar até os mortos.

No entanto, como seu foco abrange narrativas literárias e outras formas de expressão artística, indo além do ato poético em si, talvez devesse se chamar a CPI da Poética. De qualquer forma, sua presidente, a deputada federal Joênia Wapixana (Rede/RR), intimou várias testemunhas, advertindo que os mentirosos podiam sair dali presos.

O primeiro depoente vivo foi o cartunista e poeta Ziraldo, 88 anos, criador na época da ditadura militar de uma cor denominada Flicts, que servia de vacina contra a tristeza e a depressão e era o encanto das crianças. Ele fez um histórico da quadrilha poeticida cujo comandante, nascido em 1955 em Glicério (SP), odiava versos, uivava e latia cada vez que via um poeta vivo. O seu lema era “Ódio

a Ode”. Perseguia ferozmente o Flicts, ameaçando-o com uma “arminha”, quando então exibia cor e esgar estranhos. Por isso, foi apelidado de Grrrr-au-au.

Convocado do céu, onde reside há quase dois anos, o cantor João Gilberto, inventor da bossa nova e celebrado no mundo inteiro, confirmou à CPI que Grrrr-au-au abominava aquilo que ignorava. O comandante da quadrilha nunca havia ouvido uma música sua, não decretou luto oficial por sua morte, limitando-se a comentar: “Parece que era uma pessoa conhecida”. Citou Caetano Veloso, que na ocasião se manifestou chocado com o tom de desprezo e a ignorância de Grrrr-au-au. No final, o depoente indagou à presidente se podia cantar “Chega de Saudade”.

– Não. Quem tem que cantar aqui é o MC Reação – interrompeu aos berros o Pit Bull Rachadinha, que nem era membro da CPI, mas sugeriu que fosse convocado do inferno, onde reside, o autor



do Proibidão do Grrrr-au-au para quem “as feministas merecem ração na tigela e minas de esquerda tem mais pelo que cadela”. Instaurou-se uma balbúrdia e a sessão foi suspensa.

OS IDIOTAS E OS BOCÓS

Os trabalhos foram retomados com o depoimento de um vizinho de João Gilberto no céu. Era o poeta e cronista Aldir Blanc, vascaíno doente, coautor de A Cruz do Bacalhau, morto em decorrência do Covid-19, sem que houvesse qualquer manifestação da então fugaz secretária de cultura Regina Duarte, emudecida também diante das mortes do escritor Rubem Fonseca, do cantor Moraes Moreira, do ator Flavio Migliaccio e do teatrólogo Jesus Chediak.

Aldir, autor de Mestre Sala dos Mares e O Bêbado e a Equilibrista, chutou o pau-da-barraca ao traçar o perfil do chefe da quadrilha com aquele estilo que desenvolveu em sua coluna nos semanários O Pasquim e Bundas:

– O Grrrr-au-au nunca leu um único soneto em sua vida e queixou-se dos livros “que tem excesso de palavras”. Taxou as publicações com impostos altos, mas eliminou a tributação para a compra de armas. Quando se apropriou da cor verde-amarela foi para enganar os incautos e trouxas e, dessa forma, disfarçar a sua baba gosmenta, o seu olhar alucinado de cachorro doido, como no poema de Zeca Baleiro.

Declarou guerra à literatura, alegando que o Brasil tem que deixar de ser um país de maricas. Destilou preconceitos homofóbicos ao afirmar que quem gosta de poesia é gayzinho. Chamou de idiotas as pessoas que em razão da pandemia até hoje ficam em casa escutando música e lendo poemas.

Em seguida, a CPI quis ouvir o poeta Manoel de Barros, vindo do Pantanal do Olimpo, a toca de Zeus. O relator Mário Juruna indagou se a poesia merecia ser exterminada como pregava o Imbrochável Grrrr-au-au e se era mesmo diversão de “idiotas”.

– Bocó é um que gosta de conversar bobagens profundas com as águas. Bocó é aquele homem que fala com as árvores e com as águas como se namorasse com elas – respondeu o poeta.

– Mas afinal, o que é poesia? – perguntou o relator.

– Todas as coisas cujos valores podem ser disputados no cuspê à distância servem para poesia. Quando as aves falam com as pedras e as rãs com as águas, é de poesia que estão falando. Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira. A linguagem da poesia força a realidade a se manifestar, escava suas profundezas e traz à tona as situações fundamentais da condição humana, como queria Alfred Doblin. Por isso ela é odiada pelo Grrrr-au-au.



O OUTRO CAPITÃO

O último a depor nesta primeira etapa da CPI foi o ator estadunidense Robin Williams, que reside hoje no andar de cima, mas viveu na tela o papel do professor de literatura no filme “Sociedade dos Poetas Mortos”. Ele declarou que rompeu com o autoritarismo do colégio tradicional, uma espécie de “escola sem partido”, combatendo seu caráter castrador e repressivo. Seu depoimento forneceu elementos para a CPI dimensionar a poesia:

– Nós não lemos e escrevemos poesia porque é algo bonitinho, mas porque somos membros da raça humana, existe um poeta dentro de cada um de nós – ele disse.

Confessou ainda que orientou seus alunos a escreverem poemas, lidos em um clube secreto que funcionava numa caverna perto da escola. Lá, escondidos da repressão, promoviam saraus de poesia. O diretor, que estudou na mesma cartilha



de Donald Trump, demitiu o professor e mandou-o recolher seus pertences na sala de aula. Ali, ele recebe uma homenagem dos estudantes, que sobem nas carteiras da sala seguindo a lição de rebeldia contra a autoridade burra, saudando-o e reconhecendo sua liderança: "Captain, my captain". Esse era o "outro capitão", o capitão inteligente.

– É simples assim – disse o professor aos membros da CPI. Um manda e os outros desobedecem. Ordens que atentam contra a espécie humana não devem ser cumpridas.

A CPI da Poesia vai ouvir ainda inúmeros poetas e músicos: Drummond, Manuel Bandeira, João Cabral, Castro Alves, Luiz Gonzaga, Pixinguinha, Clementina de Jesus, Patativa do Assaré, Cecília Meirelles, Adélia Prado. Cora Coralina, os poemas eróticos de Hilda Hilst e tantos outros. Drummond vai dizer por que perguntou em A Flor e a Náusea: "Crimes da terra, como perdoá-los?" e explicar se existe ódio sadio expresso nos versos: "Meu ódio é o melhor de mim, com ele me salvo e dou a poucos uma esperança mínima". Qual a diferença deste para o ódio do Grrrr-au-au?

Serão convocados poetas amazonenses, entre eles Thiago de Mello para saber se continua cantando no escuro, além de Luiz Bacellar, Elson Farias, Aldizio Filgueiras, Dori Carvalho, Luiz Pucu, que devem se pronunciar sobre as ameaças à Zona Franca feitas por Grrrr-au-au com o objetivo de impedir que a CPI da Poesia identifique os autores do poeticídio.

Por último, a CPI ouvirá poetas indígenas, entre eles Eliane Potiguar, Graça Graúna, Zélia Puri, Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Dauá Puri, Ademário Payayá, Cristino Wapixana, Tapixi Guajajara e Daniel Munduruku que acaba de se apresentar para uma vaga na Academia Brasileira de Letras (ABL). Eles dirão se o poema abaixo, de Miguel Panemaxeron Surui, está mesmo anunciando o fim dos latidos de Grrrr-au-au e do pesadelo vivido pelo Brasil.

Passam os anos, passa a vida
Passa o tempo, passam as coisas,
Passam perto de mim as pessoas,
Passa dentro de mim o amor.
Por que isso comigo se passa,
Se já nem sei mais quem sou?

P.S. 1 – O ódio de Grrrr-au-au aumentaria se soubesse que no sábado (22) foram lançados dois novos livros. De manhã, Pequenas conquistas perdidas, com 45 crônicas do poeta Dori Carvalho. E logo onde? Nada menos que no Amazonas, que ele sonha deixar sem uma árvore em pé. E à tardinha, no Rio, o romance Morte Certa, de Dau Bastos, professor de literatura na UFRJ.

P.S. 2 – Este texto se inspirou numa conversa telefônica com meu amigo Guillermo David, diretor nacional de Coordenação Cultural da Biblioteca Nacional da Argentina. Ele está relendo Guimarães Rosa e eu revisitando Julio Cortazar. "Os que amam a literatura estão salvos porque têm onde se refugiar nesses tempos sombrios" – ele disse. Daí a ideia de que a poesia é uma vacina de esperança.

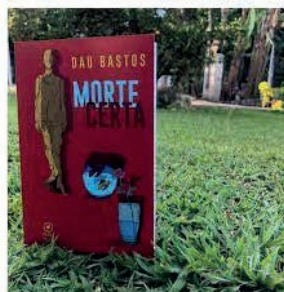


Foto: Taquiprati



José Ribamar Bessa Freire. – Professor Universitário. Escritor. Crônica publicada em seu blog www.taquiprati.com.br

VESPRAL DE CHUVA

Manoel de Barros

Nem folha se move de árvore. Nenhum vento. Nessa hora até anta quer sombrear. Peru derrubou a crista. Ruminam algumas reses, deitadas na aba do mato. Cachorro produziu chão fresco na beira do rancho e deitou-se. Arichiguana foi dormir na serra. Rãs se juntam detrás do pote. Galinhas abrem o bico. Frango d'água vai sestear no sarã. O zinco do galpão estala de sol. Pula o canção na areia quente. Jaracambeva encurta o veneno. Baratas escondem filhotes albinos. E a voz de certos peixes fica azul.

Faz muito calor durante o dia. Sobre a tarde cigarras destarraxam. De noite ninguém consegue parar. Chuva que anda por vir está se arrumando no bojo das nuvens. Passarinho já compreendeu, está quieto no galho. Os bichos de luz assanharam. Mariposas cobrem as lâmpadas. Entram na roupa. Batem tontas nos móveis. Suor escorre no rosto.

Todos sentem um pouco na pele os prelúdios da chuva. Um homem foi recolher a carne estendida no tempo – e na volta falou: – Do lado da Bolívia tem um barrado preto. Hoje ele chove!

No oco do acurizeiro o grosso canto do sapo é contínuo. Aranhas-caranguejeiras desde ontem aparecem de todo lado. Dão ares que saem do fundo da terra.

Formigas de roseiras dormem nuas. Lua e árvore se estudam de noite.

Por dentro da alma das árvores, orelha-de-pau está se preparando para nascer. Todo vivente se assanha. Até o inseto de estrume está se virando. Se ouve bem de perto o assobio dos bugios na orla do cerrado. Cupins estão levantando andaimes. Camaleão anda de farda.

O homem foi reparar se as janelas estão fechadas. Mulheres cobrem espelhos. Se sente por baixo do pomar o assanhamento das porcas. Em véspera de chuva o cio das porcas se afrouxa. Como os areais.

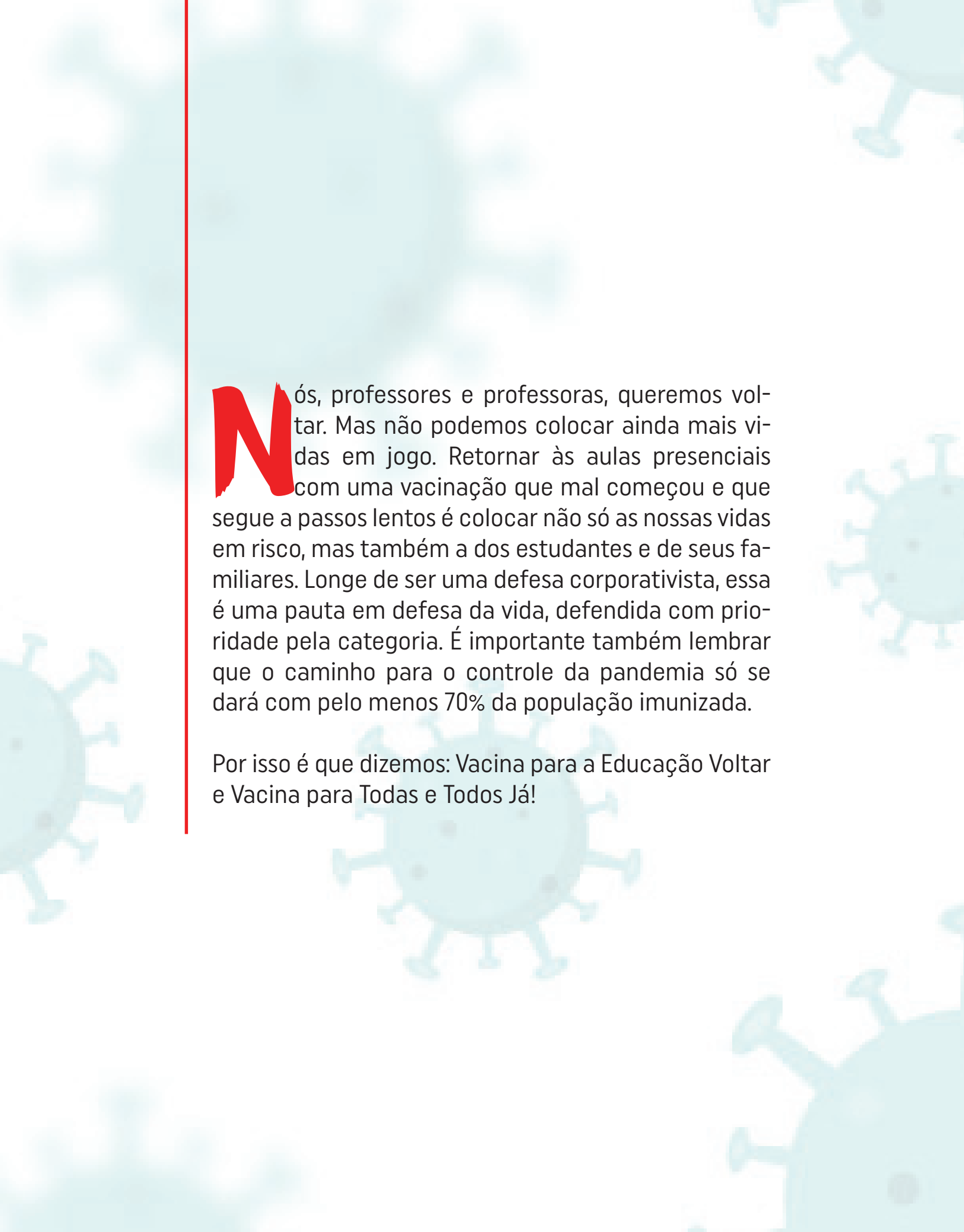
Lobinho veio de noite até perto do galinheiro e fugiu. Relâmpagos mostram cavalo dormindo, em pé, sob os ingazeiros. Mostraram também os lobinhos.

Tudo está preparado para a vinda das águas. Tem uma festa secreta na alma dos seres. O homem nos seus refolhos pressente o desabrochar.



Manoel de Barros (Cuiabá – 19/12/1916 – Campo Grande – 13/11/2014, aos 97 anos). Poeta pantaneiro, em "Livro das Pré-Coisas", 2ª edição, Record, 1997.

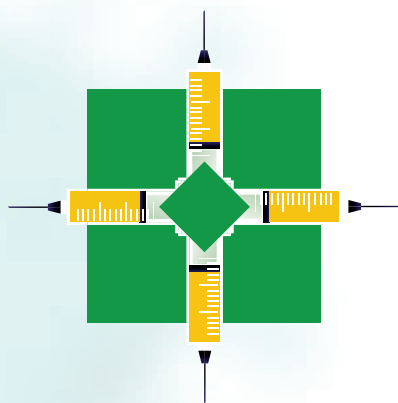




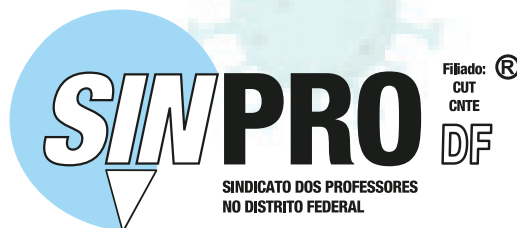
Nós, professores e professoras, queremos voltar. Mas não podemos colocar ainda mais vidas em jogo. Retornar às aulas presenciais com uma vacinação que mal começou e que segue a passos lentos é colocar não só as nossas vidas em risco, mas também a dos estudantes e de seus familiares. Longe de ser uma defesa corporativista, essa é uma pauta em defesa da vida, defendida com prioridade pela categoria. É importante também lembrar que o caminho para o controle da pandemia só se dará com pelo menos 70% da população imunizada.

Por isso é que dizemos: Vacina para a Educação Voltar e Vacina para Todas e Todos Já!

VACINA PARA A EDUCAÇÃO VOLTAR!



IBANEIS
CADE A VACINA?!





AVOSIDADE

COMO A COVID-19 ATACA OS IDOSOS?

Fabio Gomes de Matos e Souza e João Carlos Barbosa Machado





A pandemia, caracterizada pela rápida disseminação do vírus pelo mundo, traz um grau considerável de medo e de preocupação entre alguns grupos específicos, como os idosos e as pessoas com outras doenças preexistentes. A maioria das mortes é entre idosos com duas ou mais enfermidades, tais como doenças cardiovasculares, diabetes mellitus, doença pulmonar obstrutiva crônica, neoplasias ou insuficiência renal crônica. Duas ou mais condições crônicas de saúde são relatadas em 30,4% dos adultos entre 45 e 64 anos, 64,9% entre 65 e 84 anos, e 80% acima de 85 anos.

A predileção do vírus pelo trato respiratório inferior é especialmente problemática para idosos frágeis, os quais mantêm contato direto com cuidadores e/ou profissionais de saúde infectados, mas assintomáticos ou pré-sintomáticos. Essa é uma configuração de risco para um período de propagação clinicamente silencioso, especialmente em instalações de cuidados de longo prazo, antes da apresentação clínica da Covid-19.

AS CONSEQUÊNCIAS DO ISOLAMENTO

O isolamento social e a solidão têm sido associados a um aumento nas prevalências de doenças vasculares e neurológicas e à mortalidade prematura. Além disso, sabe-se que a exclusão social está significativamente associada a maiores riscos de comprometimento cognitivo, o que, por sua vez, aumenta o risco de desenvolvimento da demência na doença de Alzheimer e acelera a sua progressão.

IDADISMO E COVID-19

Decisões críticas e delicadas, legitimadas diante da escassez de recursos e de leitos e do despreparo de vários serviços nacionais de saúde, sobrecarregados ou próximos ao colapso – lidando com números crescentes de pacientes admitidos em unidades de urgência –, expuseram a questão do idadismo.

No auge da pandemia, alguns países adotaram práticas baseadas em critério de idade, para tomar decisões sobre internação e procedimentos em unidades de terapia intensiva, em oposição à internação para cuidados paliativos exclusivos.

A contribuição dos conhecimentos adquiridos nos âmbitos da geriatria e gerontologia há várias décadas, no entanto, enfatiza a necessidade da utilização compulsória da avaliação geriátrica ampla como ferramenta fundamental para apoiar o processo decisório.

Essa avaliação ocorre tendo em vista as possibilidades, comprovadas por evidências científicas, de estabelecimento de parâmetros, algoritmos e modelos prognósticos, que vão muito

além dos critérios baseados exclusivamente em valores, idade cronológica e presença de outras doenças. Por isso, a aplicação desses princípios é essencial para a melhoria dos cuidados de saúde dos idosos e precisa ser urgentemente mais bem difundida e aplicada.

A SOLIDÃO

Além dos estressores físicos, o distanciamento social pode impactar negativamente a percepção de bem-estar, e não apenas daqueles que são considerados membros dos grupos de risco. Tal diminuição no contato com outras pessoas pode afetar qualquer indivíduo em confinamento.

Alguns especialistas inclusive propuseram mudar a nomenclatura e utilizar a expressão “distanciamento espacial”, em substituição a “distanciamento social”. A primeira expressão traduz, de forma mais precisa, a necessidade de manutenção da distância física. A adesão ao distanciamento espacial pode produzir, como efeito colateral, o distanciamento social, que pode ter consequências desastrosas sobre o bem-estar psicológico.

A solidão é a percepção subjetiva da falta de relacionamentos significativos. Isolamento social implica falta objetiva de engajamento e contato social. Ambos os fenômenos foram declarados epidemias globais em adultos mais velhos, em 2016. Os idosos têm se isolado mais frequentemente em suas residências e, como consequência, podem experimentar sentimentos de solidão.

SOLIDÃO NA PANDEMIA

As consequências não intencionais do distanciamento social resultaram em mais isolamento entre os residentes de asilos. Houve uma redução da atividade física, pois os residentes não podem frequentar as academias de reabilitação e estão privados de visitas amigáveis, que são formas de melhorar o bem-estar psicossocial.



Fabio Gomes de Matos e Souza - Psiquiatra, Universidade Federal do Ceará.

João Carlos Barbosa Machado -

Geriatria, neuropsiquiatria geriátrica, IEPE - Instituto de Ensino e Pesquisa do Envelhecimento de Belo Horizonte. Matéria publicada originalmente no site <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/>



A LENDA DO PÉ DE GARRAFA

O Pé de Garrafa é um ente misterioso que vive nas matas e capoeiras. Não o veem ou o veem rarissimamente. Ouvem sempre seus gritos estrídulos ora amedrontadores ou tão familiares que os caçadores o procuram, certos de tratar-se de um companheiro transviado. E quanto mais rebuscam menos o grito lhes serve de guia, pois, multiplicado em todas as direções, atordoá, desvaira, enlouquece.

Os caçadores terminam perdidos ou voltam a casa depois de luta áspera para reencontrar a estrada habitual. Sabem tratar-se do Pé de Garrafa porque este deixa sua passagem sinalada por um rastro redondo, profundo, lembrando perfeitamente um fundo de garrafa.

Supõem que o singular fantasma tenha as extremidades circulares, maciças, fixando vestígios inconfundíveis. Vale Cabral, um dos primeiros a estudar o Pé de Garrafa, disse-o natural do Piauí, morando nas matas como

o Caapora e devia ser de estatura invulgar, a deduzir-se da pegada enorme que ficava na areia ou no barro mole do massapé.

O Dr. Alípio de Miranda Ribeiro foi encontrar o Pé de Garrafa em Jacobina, no Mato Grosso. Seu informante, Sebastião Alves Correia, administrador da fazenda, fez uma descrição mais ou menos completa.

O Pé de Garrafa "tem a figura dum homem; é completamente cabeludo e só possui uma única perna, a qual termina em casco em forma de fundo de garrafa". É uma variante do Mapinguari e do Capelobo. Grita, anda na mata e tem o rastro circular. Não há informação se o Pé de Garrafa mata para comer ou é inofensivo.



Luís da Câmara Cascudo – Dicionário do Folclore Brasileiro. Editora Global, 2000.





OS BRANCOS SE DIZEM INTELIGENTES

Davi Kopenawa Yanomami

Os brancos se dizem inteligentes. Não o somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm de nossos antepassados.

Porém, não precisamos, como os brancos, de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente. Não temos de desenhá-las, como eles fazem com as suas. Nem por isso elas irão desaparecer, porque elas ficam gravadas dentro de nós. Por isso a nossa memória é longa e forte.

O mesmo ocorre com as palavras do espírito xapiri, que também são muito antigas. Mas voltam a ser novas sempre que eles vêm de novo dançar para um jovem xamã, e assim tem sido há muito tempo, sem fim.

Nossos xamãs mais antigos nos dizem: "Agora é sua vez de responder ao chamado dos espíritos. Se pararem de fazê-lo, ficarão ignorantes. Perderão seu pensamento e por mais que tentem chamar a imagem de Teosi para arrancar seus filhos dos seres maléficos, não conseguirão".

As palavras de Omama e as dos xapiri são as que prefiro. Essas são minhas de verdade. Nunca irei rejeitá-las. O pensamento dos brancos é outro. Sua memória é engenhosa, mas está enredada em palavras esfumaçadas e obscuras. O caminho de sua mente costuma ser tortuoso e espinhoso. Eles não reconhecem de fato as coisas da floresta.

Só contemplam sem descanso as peles de papel em que desenharam suas próprias palavras. Se não seguirem seu traçado, seu pensamento perde o

rumo. Enche-se de esquecimento e eles ficam muito ignorantes. Seus dizeres são diferentes dos nossos.

Nossos antepassados não possuíam peles de imagens e nelas não inscreveram leis. Suas únicas palavras eram as que pronunciavam suas bocas e eles não as desenhavam, de modo que elas jamais se distanciavam deles. Por isso os brancos as desconhecem desde sempre.

Eu não aprendi a pensar as coisas da floresta fixando os olhos em peles de papel. Vi-as de verdade, bebendo o sopro da vida de meus antigos com o pó de yãkoana que me deram. Foi desse modo que me transmitiram também o sopro dos espíritos que agora multiplicam minhas palavras e estendem meu pensamento em todas as direções.

Não sou um ancião e ainda sei pouco. Entretanto, para que minhas palavras sejam ouvidas longe da floresta, fiz com que fossem desenhadas na língua dos brancos. Talvez assim eles ao final as entendam e, depois deles, seus filhos, e mais tarde ainda, os filhos de seus filhos.

Desse modo, suas ideias a nosso respeito deixarão de ser tão sombrias e distorcidas e talvez até percam a vontade de nos destruir. Se isso ocorrer, os nossos não mais morrerão em silêncio, ignorados por todos, como jabutis escondidos no chão da floresta.



Davi Kopenawa – Líder, xamã, pajé e sábio Yanomami, em "A Queda do Céu – Palavras de um xamã Yanomami", Companhia das Letras, 2010.



BÁRBARA DE ALENCAR:

A PRIMEIRA PRESA POLÍTICA DO BRASIL

— Zezé Weiss

A história conta que, por ser “inimiga do rei”, a cearense Bárbara de Alencar tornou-se a primeira presa política do Brasil. Presa no Crato, Bárbara foi levada para a capital do estado, Fortaleza, a 500 quilômetros de distância, no lombo de um cavalo, com os braços acorrentados.

O ano era 1817 e Bárbara, então com 57 anos, amargou mais de três anos de cadeia por declarar a independência de Portugal de uma pequena vila na capitania do Ceará. Exponente da Revolução Pernambucana, Bárbara fazia parte da república fundada no nordeste do Brasil mais de 70 anos antes do fim da monarquia, com a Proclamação da República, em 1889, pelo marechal Deodoro da Fonseca.

Os documentos históricos da Revolução Pernambucana, nascida da articulação de padres carmelitas e intelectuais nordestinos que estudaram na Europa, registram Dona Bárbara do Crato, como era chamada, e mais duas escravas (sem menção dos nomes), como as únicas mulheres da linha de frente do movimento.

Ao contrário das demais lideranças, todas de origem urbana, Bárbara era uma rica proprietária de terras e de escravos do interior do Ceará. Ela e três de seus cinco filhos lutaram para que o Nordeste se tornasse uma república.

Avó do escritor José de Alencar, defensor da monarquia, a pernambucana natural de Exu mudou-se para o Crato depois do casamento, aos 22 anos, com o comerciante José Gonçalves dos Santos, 30 anos mais velho que ela, às escondidas, sem o consentimento do pai, numa clara transgressão aos costumes da época.

Casada, em outra transgressão, Bárbara tornou-se malvista por querer ser, segundo os comentários da época, o “macho da família” e, em vez esperar em casa pelo marido que vendia tecidos na feira do Crato, passou a administrar seu próprio negócio – a produção de rapadura e cachaça – no engenho do seu Sítio do Pau Seco, nas cercanias do Crato.

Bárbara tornou-se revolucionária por influência de dois de seus filhos, José Martiniano de Alencar e Carlos José dos Santos, que estudaram no Seminário de Olinda, em Pernambuco, criado no ano de 1800 pelo bispo Dom Azeredo Coutinho que, apesar de ser inquisidor-geral de Portugal, era um educador progressista, que defendia a formação de padres com amplos conhecimentos, permitindo inclusive a leitura de obras iluministas, como a Enciclopédia de Diderot e D’Alembert.

Segundo historiadores e historiadoras da Revolução Pernambucana, foi dali, daquele seminário, que os jovens candidatos ao sacerdócio, contaminados pelos ideais iluministas e pela maçonaria, adepta dos ideais republicanos, que surgiu o movimento revolucionário da república do Nordeste, idealizado pelo frei paraibano Manuel de Arruda Câmara, amigo de Bárbara e de seus filhos.

Na prática, o movimento radical, que tem entre seus líderes a figura extraordinária de Frei Caneca, questionava o caráter divino da figura do rei e a hierarquização estratificada da sociedade, ou seja, a grande opressão do Império de Pedro II sobre os povos pobres do Nordeste. Desde sua casa no Crato, onde

recebia os ideólogos do movimento, Bárbara tornou-se uma grande mobilizadora de simpatizantes e, com eles, fundou vários núcleos republicanos nas fazendas e povoados da região do Cariri, hoje sul do Ceará.

Ao assumir publicamente seus ideais de liberdade no Nordeste do século XIX, quando às mulheres não era permitido participar dos “espaços exclusivos dos homens”, como a política, a sertaneja Bárbara de Alencar, mesmo vindo de uma família endinheirada, dona de terras e prestígio, atraiu a ira dos donos do poder monárquico que imperava no Brasil.

Embora, ao contrário de seus camaradas rebeldes, sequer fosse abolicionista – conta-se que ela exigia de seus escravos o seguimento dos preceitos do catolicismo, não permitindo que vivessem amasiados, mas que os tratava com gentileza, tampouco permitindo que dormissem em senzalas. Conta-se também que, entre seus escravos, que a chamavam de “madrinha”, “sinhá Bárbara vivenciou grandes mostras de fidelidade.

Diz a História que um deles, de nome Barnabé, decepcionou com os dentes a própria língua para não entregar o paradeiro da “sinhá” às tropas reais. Conta-se também que outra escrava, Brasilina, acompanhou toda a peregrinação de Bárbara, seguindo pela mata desde o Crato até a entrada dela na prisão em Fortaleza.

Assim, essa mulher do sertão, protagonista da República de Pernambuco (que durou apenas 75 dias), amiga do padre João Ribeiro, autor do desenho da bandeira que até hoje representa o estado, ardente defensora de uma Constituição republicana que garantia os direitos humanos, a liberdade religiosa e de opinião e a abolição de uma série de impostos, pagou, na prisão, por sua inadmissível ousadia.

Entre a prisão em Fortaleza, e depois no Recife e em Salvador, foram três anos de cadeia. De certa maneira, Bárbara teve sorte, sua vida foi poupada, sobreviveu. Outros 300 separatistas foram mortos em combate, 100 foram exilados, 3 foram executados em Salvador, outros 11 no Recife, dentre eles Frei Caneca, em um combate trágico que envolveu mais de 8 mil soldados das tropas reais.

Mesmo depois dos anos de cárcere e da privação de todos os seus bens, Bárbara não desistiu de seus ideais republicanos. Em 1824, quando o Brasil já era independente de Portugal, mas continuava governado pelo filho de Dom João VI, o imperador Pedro I, ela, já com 64 anos, uma vez mais formou fileira com seus três filhos revolucionários na Confederação do Equador.

Depois de perder dois filhos na batalha, jurada de morte, Bárbara, já debilitada, retirou-se da luta e foi viver na Fazenda Touro, na divisa do Piauí. Em 1833, aos 72 anos, ela decidiu voltar à Vila do Crato, para ser madrinha de casamento de uma sobrinha. A morte lhe pegou de surpresa, no meio do caminho, quando parou para descansar, na casa de um parente.



Zezé Weiss -
Jornalista



A PERSISTÊNCIA DO ÓDIO NA SOCIEDADE

É fato inegável: há muito ódio, raiva, rancor, discriminação e repulsa na sociedade brasileira.

Ela sempre existiu de alguma forma. Ou alguém acha que os milhões de escravos humilhados e feitos “peças” e as mulheres à disposição da volúpia sexual dos patrões e de seus filhos não provocavam surdo rancor e profundo ódio? É o que explica as centenas e centenas de quilombos por todas as partes no Brasil. E o ódio dos patrões que com a chibata castigavam seus escravos desobedientes no pelourinho?

O ódio pertence à zona do mistério. A própria Bíblia não sabe explicá-lo e o vê já presente desde o

começo, no jardim do Éden; o primeiro crime ocorreu com Caim que, por inveja – que produz ódio, matou a seu irmão Abel. O mandamento era claro: “Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo” (Levítico 19,18; Mateus 5,43). O ódio é inimigo dos homens e de Deus e ele semeia a cizânia na terra (Mt 13,19).

Mas eis que vem Jesus e reverte a lógica do ódio: “Amái vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5, 44). Ele mesmo sucumbiu ao ódio de seus inimigos mas, aceitando livremente a morte, “venceu a morte pela morte” e assim derrubou “o muro da inimizade que dividia a humanidade” (Ef 2,14-16).



Foto: divulgação



Leonardo Boff

Prega e vive o amor incondicional para amigos e inimigos. Inaugurou assim uma nova etapa de nossa humanização. Mas esse ideal nunca se transformou em cultura nos países cristianizados. Estamos ainda no Velho Testamento do "olho por olho, dente por dente".

No Brasil a raiva e o rancor histórico foram acrescidos depois das eleições de 2014. Houve quem não aceitou a derrota e deslanchou uma torrente de raiva e de ódio que contaminou não apenas o partido vencedor, mas toda a sociedade. Inegavelmente criou-se um consenso ideológico-político de alguns meios de comunicação que, com total desfaçatez, difundem esse sentimento.

O que leva um radialista da Rádio Atlântica FM, ligada à RBS gaúcha, conchamar a população a "cuspirem na cara do ex-Presidente Lula" senão um ódio explícito e incontido? A verdadeira perseguição judicial que Lula sofreu, tentando enquadrá-lo em algum crime, é movida não tanto pela fome e sede de justiça, mas pela vontade de punir, de desfigurar seu carisma e liquidar sua liderança.

Grassa um maniqueísmo avassalador que amargura toda a vida social. Bem dizia Bernard Shaw: "o ódio é a vingança dos covardes".

Mas tentando ir um pouco mais a fundo na questão do ódio, precisamos reconhecer que ele se enraíza em nossa própria condição humana, um feixe de contradições. Somos, por natureza, e não por desvio de construção, seres contraditórios, compostos de ódios e de amores, de abraços e de rejeições.

É a escolha que fizermos que irá dar rumo à nossa vida: ou a benquerença ou a aversão. Mesmo escolhendo o amor, o ódio nos acompanha como uma sombra sinistra. Se não cuidamos dele, ele invade nossa consciência e produz sua obra nefasta.

Esse realismo o encontramos na Bíblia. Mas também num pensador como Bertrand Russel que observou com acerto: "o coração humano tal como a civilização moderna o modelou, está mais inclinado para o ódio do que para a fraternidade". Lógico, se ela colocou como eixo estruturador a concorrência e não a colaboração e a luta de todos contra todos em vista da acumulação privada, entende-se que predomine a tensão, a raiva, a inveja, a ponto de o lema de Wall Street ser: "greed is good": a cobiça é boa.

Mas há um ponto que precisa ser referido, observado já por F. Engels quando escreveu uma introdução ao livro de Marx sobre A luta de classes na França: "Se houver alguma possibilidade de as massas trabalhadoras chegarem ao poder, a burguesia não admitirá a democracia sendo até capaz de golpeá-la". Ora, através de Lula, o PT e seus aliados, vindo das massas trabalhadoras, chegaram ao poder. Isso é inadmissível pelos "donos do poder" (R. Faoro). Estes procuram inviabilizar o governo de cunho popular, desconsiderando o bem comum.

Aqui valem as palavras sábias do velho do Restelo de Camões: "Ó glória de mandar, ó vã cobiça/Desta vaidade a quem chamamos fama./Ó fraudulento gosto, que se atiça/Com uma aura popular que honra se chama" (Cântico IV, versos 94- 95). Por detrás da busca "da glória de mandar" e do poder, revestido de raiva e de ódio, se esconde, atualmente, a vontade daqueles que sempre o detiveram e que [ao perdê-lo] agora fazem de tudo para recuperá-lo por todos os meios possíveis.



Leonardo Boff - Teólogo. Escritor, em www.leonardoboff.com.br



AS AMAZONAS

— Thiago de Mello

Foi Frei Gaspar de Carvajal, cronista da viagem do espanhol Francisco Orellana, o primeiro a percorrer o curso inteiro destas águas. Em 1639, ele registrou a existência das lendárias índias guerreiras, que deram o nome ao rio: as Amazonas.

A narrativa de Carvajal é minuciosa. Conta que as índias eram “muito alvas e altas, com o cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça”. Eram muito membrudas, andando nuas em pelo. Valentes, boas de arco e flecha, atacaram os bergamins do Orellana.

Contou mais: “Que entre todas estas mulheres há uma senhora que domina, e tem todas as demais debaixo de sua mão e jurisdição, a qual senhora se chama Conhori”.

A tribo de mulheres guerreiras vivia na Serra do Espelho da Lua, no Nhanmundá, afluente do Amazonas.

Na beira do Lago da Lua, cujas águas paradas estão recobertas de pequenas vitórias-régias em flor, converso com um caboclo de fala vagarosa, o antigo sangue indígena luzindo no olhar.

– Desde quando tu ouviste falar nas Amazonas?

– Desde quando sou gente. Eu digo que todo mundo já nasce sabendo delas, das Icamíabas, que é o nome delas mesmo.

– O que é que o povo daqui fala?

– Fala tudo o que elas foram, toda a verdade. Só eram índias fêmeas. Só no 25 de dezembro é que iam lá do outro lado, onde já é o Pará, e de lá traziam os índios. Só os que elas queriam, para fazer o desejo delas, que era só uma vez por ano.

– Os índios vinham forçados?

– Eu digo que só podiam vir achando bom. Quando voltavam, ainda traziam presentes delas, chamados “muiraquitãs”, feitos de pedra verde, que elas faziam com as mãos. Até hoje, de repente, a gente ainda encontra muiraquitã aí pelo chão que era o dela.

– E os filhos, quando nasciam?

– Se fosse filho macho elas entregavam pros pais; só criavam as indiazinhas fêmeas.

– Para onde é que essas índias foram?

– Para que direção eu digo que não sei, não. Mas que foram embora, eu digo que foram. Os brancos não mataram as guerreiras, não. Os homens tinham era muito pavor delas. Os índios, sei que eles foram lá pra cima, num lugar onde fica a primeira cachoeira grande do Nhanmundá.



Thiago de Mello – Poeta maior da Amazônia e do Brasil, em *Amazonas – Águas, Pássaros, Seres e Milagres*. Editora Salamandra, 1998.





A REFORMA ADMINISTRATIVA ATACA OS ATUAIS E FUTUROS SERVIDORES

DIGA
NÃO 
**À REFORMA
ADMINISTRATIVA**

Ao contrário do que o governo divulga, a PEC 32 afetará os novos servidores e também os que estão na ativa. A Reforma Administrativa acaba, na prática, com a possibilidade do servidor ter uma progressão justa em sua carreira, cria uma avaliação que será baseada em metas desproporcionais e permite ao chefe do Executivo realocar e mesmo demitir servidores por critérios arbitrários, sem a necessidade de autorização por lei.

Pressione o parlamentar de seu estado contra esse ataque aos servidores públicos e à população que depende desses serviços:

www.napressao.org.br/campanha/diga-nao-a-reforma-administrativa





XAPURI

CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VEN COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **210**,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **270**,00
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

